

Poéticas do corpo - território negro que remexe ao som do forró na cidade de São Paulo

Juliana Chagas dos Reis

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.21137076>

Começo

Peço licença à minha ancestralidade, aos territórios que meus pés hoje pisam e às mestras e mestres do forró. Este trabalho nasce do suor de uma pista de forró e do fôlego de uma mulher negra que insiste em ser território de alegria. Ao elaborar este Ebó de Conclusão de Curso, assumo o compromisso de construir outra rota em relação ao que me foi dado na graduação de psicologia, partindo para uma lógica decolonial e assumindo o que um corpo-território⁵⁰ negro causa quando dança – um corpo insubordinado é um corpo livre.

Conduzir este trabalho na perspectiva de Bispo (2024) de “começo, meio e começo” como escolha metodológica, tem a ver com construir uma narrativa em que a vida se dá numa circularidade e que contrapõe a linearidade e afunilamento do pensamento colonial. Ele explica como o conhecimento caminha de geração a geração: o começo sendo a avó, o meio a mãe e o começo, novamente, com a neta, onde tudo se renova.

Portanto, falar, escrever e poetizar sobre as poéticas do corpo - território negro que remexe ao som do forró na cidade de São Paulo a partir da perspectiva de Nego Bispo tem a preta-intenção⁵¹ de circularizar essa experiência, que tem algo de subjetivo por ser situado em um corpo, mas que encontra o comum nesse encontro com o forró.

Outra referência importante para esse trabalho é Patrícia Hill Collins (2019), que em epistemologias feministas negras, elabora como a experiência vivida de mulheres negras são fundamentos de saber e como, a partir do encontro desses saberes se constrói

⁵⁰ Miranda ao elaborar sobre corpo-território diz que este propicia ao indivíduo entender o que está ao seu redor a partir do seu próprio corpo, de si mesmo, sua posse sobre o seu corpo, assim como uma territorialidade em constante movimento que para onde se desloca carrega consigo toda a bagagem cultural construída ao longo das suas trajetórias.

⁵¹ Preta-intenção: Nego Bispo na entrevista feita para o Itaú Cultural diz que não é modesto, que é pretencioso, que é a preta-intenção em pessoa.

conhecimento. Segundo a autora, o sistema colonial tentou fixar corpos negros em imagens de controle, reduzindo-o a força de trabalho ou objeto de fetiche. Aqui, o forró entra como o movimento que rompe essa lógica: ao dançar, meu corpo torna-se território de si mesmo.

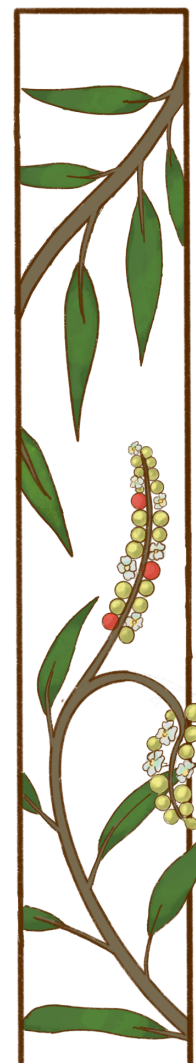
O que se apresenta nestas páginas é uma oferta teórica e artística. Através da fotografia e da poesia, buscando realizar uma “gira decolonial” na psicologia, entendendo que a saúde mental de pessoas negras passa pela retomada da sua capacidade de sentir, criar e se movimentar. O jogo de palavras entre “giro” e “gira” é para fazer um deslocamento, em que não apenas se faça um movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade, como sugerido por Torres (2007 *apud* Ballestrin, 2013), mas que tal movimento se corporifique em um território-corpo, um território-chão, um território-dança, um território-memória, um território-afeto que tem seu modo circular ou espiralar de acontecer, tal como na gira de Umbanda ou em um Xirê de Candomblé.

Sentir, pensar e rimar meu corpo-território negro pela experiência do forró perpassa pelo lugar da memória, do resgate ancestral, da desconstrução de um corpo rígido, de fortalecimento da autoestima e da saúde mental, chegando até a elaboração de sentidos de vida. Nessa construção também me faço pesquisadora, uma categoria que foi difícil assumir diante experiências doloridas na academia.

Enquanto a ciência moderna valoriza a produção de conhecimento a partir do positivismo, na qual o sujeito que pesquisa estabelece uma relação distanciada e objetificada com o que pretende conhecer, Collins (2019) traz a aproximação como elemento metodológico fundamental. Ela evidencia o limite universalizante dessa ciência, e que o lugar situado do pesquisador permite compreender as bordas e construir conhecimento a partir do encontro das diferenças, particularidades e semelhanças. Portanto, o objetivo deste trabalho é convidar quem constrói a psicologia para percepções mais amplas do que constitui uma pessoa e do que promove autonomia e saúde, de modo que o conteúdo compartilhado aqui possa ser um lugar de encontros, reencontros, consciência e reconhecimento do lugar que o forró ocupa neste corpo-território.

Meio

O Reencontro

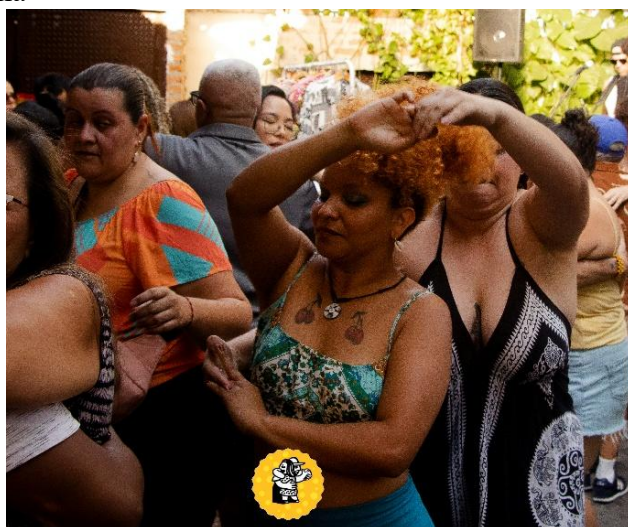


Um acaso
 Nossos risos se encontraram no metrô
 Desse encontro chamegado onde tudo começou
 Os seus convites me levaram em direção a esse forró
 Joguei, meu corpo enferrujado nas corpas dançarinas
 Aquele rosto no rosto produzindo
 ocitocina
 Reencontrei o meu amor e não quero
 mais perder,
 de vista
 Esse forró, me trouxe de volta o que
 ficou lá atrás no tempo
 Risos, brincadeiras e certo
 contentamento
 Hoje sou feliz, me reencontrei nesse
 forró



O desabrochar

O forró me abriu como uma flor de açucena
 Minha alma tinha saído da secura do sertão
 E a chuva logo veio molhá minha pequena
 Esse grande território chamado
 coração
 Me envolvia, conduzia sem prender
 Tudo bailava, sem perder a direção
 Mesmo quando errava
 O riso vinha se fazer
 Não há peso a se carregar
 Quero flutuar pelo salão
 Mesmo quando errava
 Estava ali para aprender
 E a doçura de quem me levava
 Me flutuava pelo salão



Amor de Forró

Teu olhar posou no meu
 Nossas mãos se encontraram
 No ardeio do teu abraço
 Meu corpo encontrou conforto
 E quando isso acontece,
 Rapaz é tão gostoso.
 Meu rosto no teu rosto
 Nossos corpos se enroscaram
 Ao som de Carolina
 Num tempo sincopado
 Meu coração dança com o teu
 Entre o baião e o xaxado
 Mas foi naquele xote
 Que meu corpo apaixonado
 Repetiu mais uma dança



Retomada

Meu pai
 Seu corpo território que veio lá do sertão
 Andou-se pelo Norte e conheceu a minha mãe
 Amor de carnaval que me trouxe para cá
 Na terra da garoa, o amor se fez morada
 E fui crescendo nessa confluência
 Ibotirama e Belém sendo minhas referências
 Brega, carimbó e forró me fez dançar
 A vida foi mudando
 Quando me deparei com outros ritmos se
 achegando
 O forró de outro tempo foi se distanciando
 Já não dançava, mal escutava





Um pássaro sem cantar
Mas foi num acaso, num encontro, num abraço
Que reencontrei essa alegria
Ouvir e dançar forró sempre foi parte da minha vida
Hoje atravesso a cidade para poder me jogar
E mesmo passado tanto tempo
O corpo guardou a memória daqueles movimentos
Conduzir tem sido novo
ser conduzida é flutuar
Felicidade tem sido descobrir
Que melhor coisa não há

Começo

Nego Bispo (2024) afirma que está faltando poesia, aquela poesia declamada. As poesias apresentadas nesse trabalho, antes de serem escritas, eram o próprio corpo em confluência e movimento. Isso vai ao encontro de outra fala sua: a de que o ocidental escreve para poder falar, enquanto eles — quilombolas, contracoloniais — falam para depois escrever. A palavra é viva, possui circularidade e se transforma.

As poesias, assim como as fotografias, são formas de construir um corpo simbólico no qual as palavras e as imagens são vivas, pois dizem da experiência vivida do corpo na dança. O ponto de partida é o corpo, e territorializá-lo é dizer das dimensões diversas e complexas que o constituem na relação consigo mesmo e com o mundo.

Nesse sentido, ao localizar de onde esse corpo fala, Miranda (2020, p. 25) afirma que o corpo-território é um “texto vivo” — um texto-corpo que narra as histórias e as experiências que o atravessam, questionando o lugar biologizante da ciência moderna sobre a corporeidade. Adiciono à concepção de corpo-território de Miranda o corpo-dança, corpo-movimento, que se emociona, que é atravessado afetivamente pelo encontro dos corpos, cruzamento de olhares, de rostos colados, pelos passos errados e, também, pelos desencontros.

As poesias evocam elementos importantes que são experienciados antes, durante e depois da dança: o deslocamento de um lugar ao outro para chegar às festas; o deslocamento do corpo na própria dança com as coreografias; os deslocamentos

simbólicos — de um corpo enrijecido para um corpo malemolente, de uma postura mais fechada para uma postura mais aberta para se relacionar com os outros, de um humor deprimido para a ativação de uma energia vital; o apaixonamento; o acesso a uma memória ancestral na relação do forró com a própria história e o movimento de migração do Norte e Nordeste ao Sudeste, comum a muitas pessoas.

Quanto às fotografias, as três primeiras foram feitas numa festa chamada “Forró do Provolone” e a última na competição “Raízes do Forró”. A junção delas às poesias tem como objetivo dar corpo e evocar outras sensações e afetos às palavras e a experiência de dançar forró. Ao observá-las, trago a noção de **corpo-tela** de Martins (2021, p. 80), que compreende a corporeidade negra como uma episteme viva. Nesse sentido, o corpo não apenas carrega imagens, mas as expande através de subsídios teóricos, performáticos, vivências e percepções que realizam operações de memória e desejo, revelando que essa presença é, simultaneamente, pensamento e afeto.

A palavra remelexe foi preta-intencionalmente escolhida. Essa palavra está intimamente ligada a cultura nordestina, expressando o gingado ritmado dos quadris. Escolhê-la é marcar a presença nordestina, não só na cultura do forró, como na linguagem que se enraizou no Sudeste com os movimentos migratórios entre as décadas de 30 e 40 (Marinelli, 2007).

Meu pai, de Ibotirama – BA, e minha mãe, de Belém – PA, conheceram-se em Belém. Minha mãe, grávida de mim, veio a São Paulo; é costureira e, na época, trabalhava como sacoleira (comprava roupa mais barata em São Paulo para revender em Belém), mas, no dia em que ela chegou em Barueri, na região Metropolitana de SP, eu nasci. Eles então se estabeleceram nesse território e construíram uma vida. Como menciono em uma das poesias, cresci entre expressões culturais fortes – o Brega, o Carimbó e o Forró, além do samba, MPB, rap e reggae, expressões musicais muito presentes em casa. A dança também foi presente, principalmente em encontros familiares.

Na adolescência, me distanciei dessas referências e me aproximei do rock n’ roll. Nesse novo universo, perpasssei por diversas nuances, o movimento gótico, o punk, o grunge, etc. Me identificando, a princípio, com um lugar mais melancólico e indo para um lugar de revolta pelas injustiças e desigualdades sociais. Com o tempo e amadurecendo, fui desenrijecendo minha relação com as outras musicalidades que fizeram parte da minha vida desde a infância, e elas foram retomando seus lugares em meus ouvidos e na minha memória corporal.

Essa relação de desenrijecimento foi concomitante ao meu tornar-se negra (Souza, 2021). Não que eu desconhecesse a cor da minha pele e o que isso implicava nas relações, mas sedimentou-se a construção de uma identidade negra crítica ao que me foi ensinado, a partir de outras referências e no reconhecimento de que todas essas expressões musicais partiram de encontros entre pessoas negras, que a relação com minha corporeidade através da dança diz de uma ancestralidade afro-indígena.

Retomando o primeiro parágrafo deste trabalho, questiono: que lugar a psicologia toma nessa discussão? Gonçalves (2019) denuncia o processo de embranquecimento e invisibilização da produção de conhecimento do povo brasileiro e de outros povos da América Latina dentro da psicologia. Segundo o autor, ignora-se que a multiplicidade histórico-cultural latino-americana é matéria viva de nossa subjetividade.

Tal postura é efeito da colonização de nossa ciência e prática profissional, o que resulta em um conhecimento produzido pela psicologia brasileira que é, muitas vezes, apartado da realidade da população brasileira e latino-americana. Nesse sentido, o autor defende que, para a psicologia de fato expressar a realidade social, ela precisa formular seus saberes a partir da memória histórica, do cotidiano de reprodução social e da resistência popular.

Dessa forma, a retomada da memória através de expressões artísticas pode ter o lugar de instrumento nas práticas da psicologia. E tal retomada permite alumiar o lugar que o forró tem enquanto expressão cultural que amalgama diversos conhecimentos, como musicalidade, linguagem, territorialidade, corporeidade, estética, modo de vida, ancestralidade etc.

Assim como afirma Miranda (2020), experienciar outros sentidos é permitir que o corpo-território possa viver e existir a partir da própria experiência, de modo a não se reduzir pela linguagem e experimento do outro. Reconstruir a própria narrativa, resgatando memórias compreendendo os atravessamentos que a territorialidade, os saberes da(o)s nossa(o)s mais velha(o)s, os movimentos culturais têm sobre nossas corpos⁵² nos permite o processo de descolonização e o reflorestamento da nossa existência (Núñez, 2021, p. 5).

Referências

⁵² Corpos: subverter a palavra corpo para corpos tem como objetivo deslocar a ideia do corpo enquanto objeto biológico e neutro para uma dimensão política e territorializada.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília**, n. 11, p. 89-117, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>. Acesso em: 20 abr. 2026.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

GONÇALVES, Bruno Simões. **Nos caminhos da dupla consciência**: América Latina, psicologia e descolonização. São Paulo: Sempre-viva, 2019.

MARINELLI, Edson Bastos. A saga do migrante nordestino em São Paulo. **Revista Educação**, Guarulhos, v. 2, n. 1, p. 3-17, 2007. Disponível em: <https://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/49>. Acesso em: 20 abr. 2026.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território & educação decolonial**: proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Salvador: EDUFBA, 2020.

NÚÑEZ, Geni. Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário. **Revista ClimaCom**: Diante dos negacionismos, Campinas, ano 8, n. 21, p. 1-8, nov. 2021. Disponível em: mudancasclimaticas.net.br. Acesso em: [21 abril 2026].

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Nego Bispo** – Trajetórias. YouTube, 20 fev. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tqt9BnrolFg>. Acesso em: 19 abr. 2026.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.